

---

**POR ENTRE “FONTES ORAIS” E “FONTES ESCRITAS”,  
a tessitura das relações sociais de gênero**

*Lucy Cristina Ostetto \**

Enquanto percorria uma paisagem rural<sup>1</sup>, que se impunha diante de meus olhos, várias inquietações povoavam minha mente. A palavra expectativa pode ser traduzida aqui como algo mais próximo do que sentia. Perguntava-me insistentemente a cada viagem, será que estes homens e mulheres vão me falar sobre suas vidas, suas famílias, sobre o seu privado, sobre o seu trabalho, ou simplesmente me dirão: não me faz lembrar o que quero esquecer; o que passou ... (por se tratar de um tempo difícil, triste, e portanto não merecedor de atenções e digno de ser rememorado). No entanto, a cada término de seus depoimentos me sentia aliviada, pois através de suas falas, compartilhavam comigo de um tempo que não é mais presente, e que, sem este trabalho de rememorar, de recordar, sem este trabalho da memória, como diria Ecléa Bosi, permaneceria esquecido. Fora

---

\* Graduada em História, em 1992, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Iniciou o Mestrado em História em 1993. Sua orientadora é a Doutora Maria Bernardete Ramos Flores.

<sup>1</sup> Estou me referindo aqui, às localidades que percorri pelo interior de Nova Veneza, local que privilegiei para fazer minha pesquisa de Mestrado. Entre estas localidades destaco: São Bento Alto, Rio Cedro Médio e São Francisco.

preciso então “especular”, como falou dona Josephina Scarsi Vitalli<sup>2</sup>, “Me lembrei porque tu foi especulando, se fosse tirar tudo da minha cabeça não tirava.”

Quando começava a explicar para estas testemunhas do passado e também do presente, sobre o motivo de querer escutá-las, ou seja, ao dizer que queria conhecer um pouco de suas histórias de vida, elas iam logo avisando entre medo e angústia: “mas eu não sei ler”,<sup>3</sup> ou ainda “... Não me vem na cabeça, porque eu não fui na escola, eu não estudei”<sup>4</sup>. Parece-me que o referencial criado por elas, como forma de diálogo para além de seu grupo de convívio, era a “escrita”, e por não sabê-la, precisavam num primeiro momento se justificarem. Neste sentido, a questão do “não estudar” é algo recorrente nos depoimentos, “... não tinha aula, era longe pra ir, né? Estudar, só um pouco, a minha mãe morava no meio do mato. Só os homem foram na aula um pouquinho, depois vinha pra casa e trabalhava na roça nós duas irmã tinha que trabalhar em casa, ajudar a mãe e trabalhar na roça... não deixaram nós estudar não estudamos, né tempo

---

<sup>2</sup> Depoimento concedido em sua casa, na localidade de Rio Cedro Médio, em 23-04-95.

<sup>3</sup> Depoimento de dona Irma Amboni Monsani, colhido em sua casa, na localidade de Rio Cedro Médio, em 19-04-95.

<sup>4</sup> Depoimento de dona Júlia Buzanello Lavezo, colhido em sua casa, na localidade de São Francisco, em 20-05-95.

ou? Os homem só um pouquinho, nós o dia inteiro na roça.”<sup>5</sup> Esta fala não acontecia com os homens, (provavelmente porque foram à escola). Já as mulheres sentiam necessidade de expressar a sua exclusão ( do estudo ), como algo tolhido pela vida, seja porque morassem longe, não tivessem professores no “seu tempo” ou ainda porque, para seus pais o trabalho na roça era mais importante. Quer dizer, o fato de serem analfabetas se constituía, num primeiro momento, numa barreira entre eu e elas, como se para travarmos um diálogo tivéssemos que passar pela palavra escrita .

Contrariando as suas representações, o que buscava era justamente a linguagem oral, era justamente suas palavras, as quais no dizer de Bakhtin<sup>6</sup>, constituem o material privilegiado da comunicação na vida cotidiana. E, não quaisquer palavras, mas palavras que carregam consigo um sentido, que revelam um contexto vivido, ou seja, suas histórias de vida..

Desde o primeiro contato com estes homens e mulheres, que variam na faixa etária de 58 a 95 anos <sup>7</sup>, um laço de amizade começava a ser criado, tanto que em alguns depoimentos referiam-se a mim como “bela”,

<sup>5</sup> Depoimento de dona Armida Scandolara Coral, colhido em sua casa na localidade de Siderópolis, em 28-09-94 .

<sup>6</sup> BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: HUCITEC, 1992.

<sup>7</sup> Ao todo fiz 27 entrevistas com homens e mulheres .

e isto já diminuía o distanciamento entre eu, de um lado buscando seus depoimentos, e eles e elas de outro lado, dando seus depoimentos, onde a interlocução estava posta e as várias vozes iam criando uma polifonia; construindo uma trama na qual os significados ganhavam consistência e a intertextualidade se fazia presente. Assim, tal qual Ecléa Bosi<sup>8</sup>, o método aplicado aqui também teve um vínculo de amizade e confiança com os recordadores. Não se restringindo apenas a uma simpatia espontânea que se foi desenvolvendo durante a pesquisa, mas resultante de um amadurecimento de quem deseja compreender a própria vida revelada pelo outro. Para que esta relação fosse ainda mais profícua, eu falava de maneira simples, fitando-o (a) em seus olhos, também gesticulando para deixá-los(las) à vontade e, inclusive, compartilhando de algumas gargalhadas sobre passagens que marcaram suas vidas. Uma vez que os signos não verbais banham-se no discurso, seus gestos e olhares; como que querendo dar mais consistência ao que diziam, tornavam-se um recurso a mais para que trilhasse com eles e elas toda a riqueza de detalhes e minúcias que iam presentificando suas lembranças.

Nem por isso deixou de ser um trabalho sério eivado de uma preocupação insistente em dar visibilidade a estes sujeitos históricos, dos

---

<sup>8</sup> BOSI, Ecléa. Lembranças de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz-EDUSP, 1987.

quais só restaria o silêncio e o anonimato. Isto porque, mesmo sendo “construtores cotidianos da história, têm deixado poucas marcas de como vivem, sentem, experimentam, desejam, sonham, pensam, o presente, o passado e o futuro”<sup>9</sup>. E, é neste sentido que me utilizo das fontes<sup>10</sup> orais indo ao encontro do(a) outro(a) através da linguagem, como uma possibilidade de adentrar neste vasto universo cultural, repleto de significados próprios que precisam ser historicizados, explicados. Ora, “aquilo que se chama explicação é apenas a maneira do relato se organizar em intriga compreensível, escrevia Veyne, considerando ao mesmo tempo, que contar é sempre dar a compreender e conseqüentemente explicar em história nada mais é do que desvendar uma intriga”.<sup>11</sup> Intriga esta que começa a ser construída através dos depoimentos de homens e mulheres, tendo em comum o fato de serem colonos, descendentes de imigrantes italianos e terem vivenciado as décadas de 1930 a 1950 em Nova Veneza.

---

<sup>9</sup> MONTENEGRO, Antonio Torres. História Oral: Caminhos e Descaminhos. Revista Brasileira de História, São Paulo, n. 25/26, pp.55-66, set. 92 / ago. 93.

<sup>10</sup> Sobre isso cf. GARRIDO, Joan del Alcàr i. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. Revista Brasileira de História, São Paulo, n.25/26, pp.33-55, set. 92 / ago. 93.

<sup>11</sup> CHARTIER, Roger. A História Cultural; entre práticas e representações. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990. p.82.

Em seus relatos falam-me de suas “ experiências” , as quais permitirão que sejam reinsertidos na história.<sup>12</sup> São elas que me possibilitarão visibilizar as relações travadas em seu cotidiano. Então, buscarei nas suas falas, pistas e indícios que possibilitem dar concretude aos papéis sociais de gênero , na comunidade italiana de Nova Veneza, uma comunidade que tem como peculiaridade o fato de ter sua economia eminentemente agrícola. Nesta comunidade predomina a pequena propriedade rural, onde o período em que recorro ( 1930 a 1950), o trabalho na lavoura era um trabalho rústico, manual e, por isso, exigia o empenho de toda família. E é nesta pequena propriedade, tendo como unidade a família, que buscarei historicizar as relações familiares, de vizinhança, perpassada por solidariedades e, ao mesmo tempo, por conflitos. Lugar, portanto, onde a cultura se vai delineando, formando consigo valores, preceitos, normas. Desta forma, nos possibilitará esboçar uma história sociocultural, em que pese o fato de trazer à tona uma cultura em construção e transformação.

<sup>12</sup> THOMPSON, E. P. O Termo Ausente: Experiência. In \_\_\_\_\_. A Miséria da Teoria ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. pp.180-200.

Procurarei historicizar o seu cotidiano a partir da esfera do privado ( casa de seus pais, sua infância, sua adolescência, sua relação com os pais, vizinhança) e da esfera pública (onde ocorrem as transações comerciais ).

Para esta análise, tomarei como fio condutor as relações de gênero, “... por ser uma das mais críticas configurações de diferenciação na cultura e na sociedade.”<sup>13</sup> Ou ainda porque “... Sem alguma discussão do gênero, nenhum relato de unidade e diferença culturais pode ser completo.”<sup>14</sup>

Como nos coloca Christiane Kaplish Zuber:

“...Parece mais urgente deslocar o olhar, suscitar um outro esforço de leitura dos “ fatos históricos,” uma leitura que apele à idéia ainda nova de que a diferença dos sexos e as relações que eles mantêm intervêm no jogo social, de que eles são criação e efeito ao mesmo tempo que motor. Nascer homem ou mulher não é, em nenhuma sociedade, um dado biológico neutro, uma simples qualificação “natural” que permanece inerte. Pelo contrário, este dado é trabalhado pela sociedade: as mulheres constituem um grupo social distinto, cujo caráter - lembra-nos Joan Kelly -, invisível aos olhos da história tradicional, não depende da “natureza” feminina. Aquilo que se convencionou chamar “gênero” é o produto de uma reelaboração cultural que a sociedade opera sobre essa pretensa natureza: ela define, considera - ou desconsidera-, representa-se, controla os sexos biologicamente qualificados e atribui-lhes papéis determinados.” (grifado no original)<sup>15</sup>

<sup>13</sup> HUNTY, Lynn. História, cultura e texto. In:           . A Nova História Cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.23. <sup>13</sup> Idem, p.24.

<sup>15</sup> ZUBER, Christiane Klapish. Introdução. In: DUBY, G e PERROT, M. (org). História das Mulheres na Idade Média. São Paulo: EBRADIL, 1994. p.11.

Ao analisar as entrevistas, vou percebendo que, cabia aos homens, o comércio, e, às mulheres, a manutenção da casa. Porém, é preciso que se saiba como estes papéis se concretizavam nas relações que permeavam o seu cotidiano e o que significava esta definição de papéis normativos. E, não por acaso, são as relações de gênero que me permitem dar visibilidade às mulheres, as quais também participaram desta história, na qual a sobrevivência era a tônica diária.

Mas é preciso tirar as vendas dos olhos, querer enxergar as mulheres e o mundo que as rodeia no qual são construídas, ao mesmo tempo que ajudam a construir. As mulheres entrevistadas se representam a partir dos papéis assumidos em família, onde os homens são os provedores, e elas, boas esposas, trabalhadeiras e responsáveis pela educação de seus filhos. Quando me falam de seu trabalho na roça, não apontam para uma diferenciação entre o que fazem e o que os seus maridos fazem. Aliás, frisam que o “trabalho era igual pra todos”. No entanto não conseguem se ver como parte final deste trabalho, qual seja a venda destes produtos, pois esta não era uma função feminina. Há que se dizer que este é um discurso tático que precisa ser interpretado ao longo da pesquisa.

Em suas entrevistas, um nome é muito recorrente: “Os Bortoluzzi”. Justamente porque era com eles que seus pais comercializavam. A família Bortoluzzi, por ter uma fábrica de produtos suínos, um descascador de arroz, uma atafona e um estabelecimento comercial, precisava dos produtos dos colonos. Neste sentido, eram eles que controlavam a maioria do comércio. Um dado interessante era que seu estabelecimento comercial se localizava no centro de Nova Veneza. Isto significa dizer que havia uma ligação muito grande entre o campo e a cidade.

Resolvi então procurar registros que pudessem me ajudar a entender estas transações. Este querer me conduziu às fontes escritas. Falo aqui do livro caixa da Bortoluzzi e Cia<sup>16</sup>, entre os anos de 1925 a 1929. Fora justamente nestes escritos esquecidos pelo tempo que encontrei as mulheres subvertendo os papéis normativos. Encontrei então, uma nova nuance no tocante à visibilidade das mulheres. É como se um segredo fechado a sete chaves fosse revelado. Segredo sim, que apontam para a

---

<sup>16</sup> Livro K, número 589 com mil páginas, referente aos anos de 1925 a 1929. Este livro faz parte do acervo da família Bortoluzzi. Tive acesso a este livro através de dona Irma Bortoluzzi Crevanzzzi, a qual desde já agradeço. As pessoas entrevistadas, me levaram a vasculhar este acervo, uma vez que em seus depoimentos citavam que o comércio era feito com os Bortoluzzi. Neste livro eu encontrei registrado a quantidade de produtos que traziam, e a quantidade de porcos. A década de 1920, faz parte do meu estudo, quando meus(minhas) entrevistados(as) fazem-me da casa de seus pais, é período de sua infância.

desconstrução de estereótipos construídos culturalmente os quais definem as mulheres como mães e boas donas de casa ... “ A mãe ela cuidava mais dentro de casa e da família, que não faltasse nada, limpar tudo.”<sup>17</sup> Através dos depoimentos, não encontro menção de mulheres, atuando no comércio. Suas falas coroam o espaço doméstico como feminino por excelência. É como se as mulheres fossem relegadas ao espaço doméstico submetendo-se aos maridos provedores da prole e, portanto, detentores do poder. Tal discurso pode contribuir para diluir os poderes femininos a tal ponto que reste somente a ausência, legitimando uma suposta “condição feminina”. No entanto, aqueles escritos/registros, me autorizam a dizer que as mulheres subvertem os papéis normativos quando conquistam no espaço público, visto enquanto eminentemente masculino, um lugar. Falo aqui das viúvas<sup>18</sup> que na ausência de seus maridos assumem as transações comerciais feitas com a Bortoluzzi e Cia. Meus depoentes falam que as transações comerciais eram feitas por seus pais, e

---

<sup>17</sup> Depoimento do senhor Francisco Mondardo, colhido em sua casa, em Nova Veneza, em 10/04/1995.

<sup>18</sup> Destaco entre elas a viúva Augusta Macarini ( livro K, op. cit. p.19 ), a viúva Elisa Pelosatto p.116,626, a viúva Luígia Scussel p.174,620, a viúva Minotto e cia p.318,653, a viúva Maria Coral p.332,337, 348. Sei que são viúvas porque no registro consta a denominação de viúvas. No entanto encontro também algumas mulheres que não recebem esta denominação, entre elas Maria Cúnico p.20, Itália Scussel p.326, Chatarina Búrigo p.410 ( na sua conta encontro escrito “um baú ao filho Dario”). Eva Romagna p. 481, 813.

que uma das únicas maneiras de conseguirem dinheiro era ir ao centro da cidade comercializar os produtos agrícolas e os porcos. Intercalo então as informações de meus depoentes com as informações contidas no livro-caixa. E, eis a “surpresa”, encontro mulheres viúvas fazendo a mesma coisa, ou seja: eram as viúvas que assumiam a liderança dos negócios da família quando seus maridos morriam, descaracterizando a possível fragilidade feminina. Eram agora viúvas, mas em nenhum momento deixaram de ser do sexo feminino.

Ao entrecruzar depoimentos orais, e registros escritos, encontro um imbricamento entre o público e o privado, onde homens e mulheres atuavam. Não podemos falar então de um “possível” confinamento feminino. Resta perguntar e as mulheres que continuaram casadas, restaria a elas o então confinamento doméstico e o subjulgo do marido? Nas entrelinhas do discurso, nas entrevistas, percebo algo no mínimo intrigante: por um lado a memória seletiva a qual vê as mães como dependentes de seus pais e, portanto, sem poder de decisão; mas em sua ambigüidade, me dizem que era muito comum, nas entregas de porcos e produtos agrícolas como arroz, fumo, a presença de suas mães. O jogo da representação está posto, mais do que nunca é preciso interpretá-lo...

Resta-me então destrinchar estas intrigas. Por enquanto fica a certeza de que o esforço em conseguir as “fontes” não fora em vão. E que a história na qual me vejo mergulhada e me banho, me sacia de uma ânsia por assim dizer voluptuosa, na qual a concretude das relações entre homens e mulheres ultrapassam o real aparente. Eis a tarefa do(a) historiador(a): transformar a história num romance verdadeiro e que por isso mesmo nada deverá ser omitido.